

UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA PARA O ESTUDO DE PROCESSOS LINGUÍSTICOS EM GÊNEROS TEXTUAIS DO PORTUGUÊS EM USO

Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG)¹

RESUMO

Neste trabalho procuro mostrar que os aspectos que distinguem um gênero de outro não são só formais, mas também funcionais. Considerando a forma como efeito da função, proponho uma forte correlação entre fatos gramaticais e aspectos pragmáticos da situação em que os gêneros se materializam. Assumindo a importância da função sociocomunicativa das escolhas linguísticas pelo usuário da língua, defendo que o estudo conjunto das propriedades sintáticas e textuais colabora para o entendimento e a caracterização do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: gênero textual; funcionalismo; propriedades sintáticas e textuais; forma/função; figura/fundo.

INTRODUÇÃO

Já há algum tempo percebe-se, nos estudos linguísticos que trabalham com a interface Funcionalismo/Linguística Textual, um consenso quanto a considerar-se o gênero textual como determinante das estruturas linguísticas materializadas num texto. As diferentes práticas sociais a que estamos sujeitos em nossas atividades de interação proporcionam a variabilidade língua, o que acaba por levar a uma variedade de gêneros textuais, cuja identificação apresenta-se, às vezes, difusa e aberta. A distinção entre um gênero e outro não é predominantemente linguística, mas calca-se em aspectos funcionais e pragmáticos. Isso não significa desprezar os aspectos de natureza linguística nos estudos sobre os gêneros. Ao contrário, a reflexão sobre o comportamento de alguns processos e mecanismos linguísticos em diferentes gêneros — **e isso é o que o presente trabalho objetiva mostrar** — poderá levar à descoberta de uma possível correlação entre os fatos linguísticos (gramaticais) e os aspectos pragmáticos da situação em que se realiza determinada atividade verbal, o que está, de certa forma, de conformidade com a postulação de Hopper (1988), dentre outros, segundo a qual o gênero determina a forma do discurso. Para tanto, ressalte-se a importância de uma abordagem funcionalista para o estudo dos mecanismos/processos da língua em uso, considerando, como já dito acima, a variabilidade da língua (na dimensão do sistema) e a variabilidade dos textos, no contínuo dos gêneros textuais.

1. Doutora em Linguística pela PUC/SP; Professora Adjunta, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais; bdecat@uol.com.br; (31) 3296-4125; 3344-3367.

Variadas e recentes, as discussões em torno da categoria gênero textual, levadas a efeito em diferentes campos da linguística e em documentos que parametrizam o ensino da Língua Portuguesa, costumam questionar o peso da dimensão formal/estrutural na descrição dos gêneros, considerando as observações gramaticais irrelevantes para o tratamento dessa categoria e voltando o foco de atenção para a função comunicativa do gênero. Ora, embora as considerações que aqui faço estejam centradas na forma — mas não exclusivamente —, meu interesse recai na relação forma/função, partindo do princípio de que a forma é efeito da função. Assim é que reivindico, como feito acima, a relevância dos estudos funcionalistas para a caracterização dos gêneros. Tal abordagem teórica permitirá detectar que as formas recorrentes num determinado gênero, ou em um grupo de gêneros, servem à caracterização do gênero, na medida em que elas são uma decorrência dos objetivos sociocomunicativos do próprio gênero. Fundamentam, pois, a discussão aqui apresentada, as noções preconizadas pelos funcionalistas, de modo geral, no sentido de que “é o discurso real que mantém a chave para a gramática” (HOPPER, 1988). Dessa maneira, perpassa por todo o trabalho a ideia de que “a forma assumida por uma palavra ou expressão é reflexo de sua função num contexto de uso particular” (DECAT, 1999c, p. 213). Também Halliday (1985) já apontava que os usos é que dão forma ao sistema. E nessa visão funcionalista a gramática é, ainda segundo Hopper (*op.cit.*), sempre provisória e incompleta, por emergir do discurso.

Interessa, portanto, neste trabalho, abordar algumas contribuições do funcionalismo para o exame dessa categoria gênero (e dessa para aquele), através de uma reflexão sobre aspectos gramaticais e textual-discursivos em diferentes gêneros. O objetivo é mostrar que importa mais a função sociocomunicativa do gênero, o que se revela nas escolhas linguísticas levadas a efeito pelo usuário da língua. No entanto, ressalto, seguindo Marcuschi (2002, p.21), que é preciso ter “cautela quanto a considerar o predomínio de formas ou funções para a determinação e identificação de um gênero”. Por outro lado, argumenta aquele autor que não se pode deixar de reconhecer o “alto poder organizador das formas” (MARCUSCHI, 2002, p.32), o que justifica a análise aqui empreendida. Como afirmou Givón (1984), as propriedades sintáticas nascem das propriedades do discurso. Reafirmo, portanto, a necessidade de se considerar a relação forma/função, tendo em vista que “em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções” (MARCUSCHI, 2002, p. 21).

1. UM PASSEIO TEÓRICO

Algumas definições e postulados fazem-se necessários neste momento. Primeiramente, esclareço que, para os objetivos aqui perseguidos, adoto, resumidas, as postulações de Marcuschi (2002): a) **gênero textual:** são formas textuais concretas, textos que encontramos em nossa vida diária como por exemplo, *receita culinária, telefonema, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, notícia jornalística, horóscopo, bula de remédio, , resumo, piada, lista de compras* etc; b) **tipo textual:** construção teórica cuja composição é de natureza linguística (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Essa noção abrange cinco categorias: **narração, argumentação, exposição, descrição, injunção**, categorias essas que são designações para **sequências típicas², mais do que textos concretos e completos** (cf. MARCUSCHI, 2000; 2008); c) **domínio discursivo:** uma esfera social ou institucional (jurídica, jornalística, política, científica, publicitária, instrucional, militar, familiar, lúdica, etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão; “uma instância de produção discursiva ou de atividade humana” (p.23);

2. Segundo Marcuschi (2002), dentre os autores que defendem essa distinção entre gêneros e tipos textuais estão Douglas Biber (1988), John Swales (1990), Jean-Michel Adam (1990) e Jean-Paul Bronckart (1999).

d) **constelação**: relação de eventos (ou subgêneros, conforme sugere Marcuschi, 2002) aos quais se atribuem nomes específicos que agrupam mais de uma forma desses eventos; classes ou agrupamentos mais gerais de gêneros; conjunto das formas de realização de um mesmo gênero. Marcuschi exemplifica com o caso da ENTREVISTA, que pode ter formas diversificadas de realização conforme as intenções ou os propósitos sociocomunicativos: entrevista médica = **consulta**; entrevista policial = **inquérito**; entrevista judicial = **depoimento**; entrevista para emprego = **entrevista**.

Além dessas definições, importa considerar, numa análise sobre gêneros textuais, alguns ‘postulados’, tais como: **a)** a comunicação verbal só é possível através de algum gênero, e através de algum texto, dentro de um domínio discursivo — posição assumida, segundo Marcuschi, por Bakhtin (1997) e Bronckart (1999); **b)** os gêneros textuais ‘abrigam’ os tipos textuais; **c)** os **gêneros** textuais são **tipologicamente heterogêneos** — por exemplo, dentro de um **artigo de opinião**, em que predomina a argumentação, podem ocorrer outras sequências tipológicas como **descrição**, ou até mesmo **narração**, desde que essas estejam a serviço da argumentação que sustenta esse gênero; **d)** **gênero** é uma designação de **uso**, e **tipo** é uma designação **teórica**; **e)** a definição de **gênero** é de natureza não linguística, mas **sociocomunicativa**, porque vincula o gênero às práticas sociais; **f)** gêneros e tipos textuais, na fala ou na escrita são uma **consequência do uso interativo** da língua, portanto **práticas sociais**.

Feitas essas breves considerações teóricas, passo à análise de alguns textos de diferentes gêneros, examinando-os em função das escolhas linguísticas de que o usuário lança mão para atender às funções pragmáticas em que o gênero emerge. Não pretendo fazer uma caracterização de gênero, mas mostrar como o estudo de aspectos formais/estruturais pode contribuir para evidenciar a relação que se estabelece entre a forma de materialização do gênero e a função a que ele se presta.

Assim, nas seções que se seguem vou tratar, numa abordagem funcionalista, dos elementos linguísticos, portanto, das **formas**. A seção 2 traz um estudo sobre iconicidade da articulação de orações no gênero **receita culinária**, procurando mostrar que essa iconicidade é reflexo do próprio gênero. Essa questão será retomada na seção 3, onde trato da sequenciação tópica dos elementos constitutivos do gênero **resumo** e do gênero **horóscopo**, procurando verificar, no caso do primeiro, como a organização tópica reflete a cena ou o episódio no gênero **resumo de novela**; e, no segundo, como se dá a materialização da ênfase, do destaque, ou do relevo para fins de convencimento do leitor/interlocutor, para cuja discussão é retomada a questão da articulação de orações a serviço dos propósitos comunicativos do gênero. É discutida, também, a relação da sequenciação tópica com o mecanismo figura/fundo. Através do exame de textos do gênero **horóscopo**, procuro apontar o comportamento topicalizador de sequências nominais ‘soltas’, funcionando como ‘fundo’ para a ocorrência de orações como ‘figura’. Finalmente, na seção 4, volto à discussão da articulação de orações a serviço dos propósitos comunicativos, desta vez analisando os gêneros **Notas de Jornal** e **Anúncio Publicitário**; nesta seção é examinada a ocorrência de orações ‘soltas’, como enunciado independente, bem como sintagmas nominais ‘soltos’, recurso esse que se pode considerar um reflexo das funções comunicativas desses dois gêneros.

2. ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES E ICONICIDADE NO GÊNERO “RECEITA CULINÁRIA”

O foco de interesse, aqui, será o da articulação de orações, ou seja, da maneira como elas se combinam para formar, como já apontado em Decat (2001b e 2006)³ um discurso coeso e coerente.

Observem-se os exemplos abaixo:

(1) Musse de Chocolate de Frutas

Ferva leite. Junte 2 xícaras de menta. Tampe. Esfrie. Coe. Reserve. Ferva ½ xícara de água. Junte a menta restante. Tampe.

Esfrie. Coe. Reserve. Bata gemas até clarearem. Incorpore açúcar de confeitiro. Reserve. Em banho-maria, derreta chocolate na manteiga. Junte leite aromatizado e gelatina hidratada em ½ xícara de água. Mexa. Junte gema e clara. Mexa. Ponha nas taças. Gele. Ferva água aromatizada com açúcar cristal (10 min). Esfrie. Sirva musse, frutas e calda.

Para 4 porções: ½ xícara de leite, 3 xícaras de folhas de menta, 1 e ½ xícaras de água, 6 gemas, 2 colheres (sopa) de açúcar de confeitiro, 180 g de chocolate meio amargo, 100 g de manteiga, 5 colheres (chá) de gelatina em pó sem sabor, 2 claras em neve, ½ xícara de açúcar cristal, 100 g de cerejas frescas, 1 xícara de uvas sem sementes, 12 morangos, todos fatiados, 12 bolinhas de melão *orange*, 4 ramos de menta para enfeitar.

(2) Frango com Laranja

Ingredientes: 1 laranja, 1 dente de alho amassado, 1 colher (chá) de tomilho picado, 1 kg de frango em pedaços (peito e sobrecoxa), sal e pimenta do reino a gosto, 2 colheres (sopa) de azeite, ½ xícara (chá) de vinho branco, ½ xícara (chá) de caldo de galinha.

Modo de preparo

Descasque e corte a laranja em fatias e ponha em uma tigela. Junte o alho e tomilho e misture bem. Reserve. Tempere o frango com o sal e a pimenta e coloque-o na tigela com os temperos. Regue com o azeite, cubra com filme plástico e deixe descansar na geladeira até o dia seguinte. Transfira o frango para uma assadeira e leve para assar em forno médio pré-aquecido até dourar. Quando o frango ficar macio, retire e reserve-o aquecido. Com uma colher, desengordure o molho que se formou na assadeira e adicione o vinho branco. Leve a assadeira ao bico de gás e deixe ferver. Junte o caldo de galinha, mexa e sirva com o frango.

Dica: Se desejar um molho um pouco mais espesso, polvilhe farinha de trigo sobre ele e deixe-o ferver sem parar de mexer.

No texto de (1) predominam os períodos simples (25 ocorrências) materializados pelas chamadas ‘orações absolutas’. Por se tratar de manifestações do tipo textual injuntivo, próprio ao estabelecimento de orientações, normas ou ordens, ocorrem formas verbais com valor imperativo.

Outra faceta desse gênero é a **iconicidade** na organização das orações: são ações que se sucedem no tempo e no espaço, correspondendo a cada passo da receita e apontando, assim, a ordem de elaboração da iguaria.

3. Para maiores detalhes, consulte-se Decat (1993, 1999a, 1999b, 2002a e 2005)

Quase todos os períodos se iniciam com o **verbo**, que é o comando, a instrução. Às vezes o período é constituído só do verbo (Exemplo: “Reserve”, “Tampe”, “Esfrie”, “Coe”, “Mexa”, etc.).

No texto, somente um período não começou com o verbo, mas com um adjunto adverbial (“Em banho-maria”), o que, de certa forma, permitiu uma espécie de ‘descanso’, de ‘ralentamento’ no ritmo do fluxo informacional instrucional.

Já em (2), ocorrem períodos simples e períodos compostos (orações complexas, nos termos de Halliday, 1985). Também aqui os períodos se iniciam com o verbo, à exceção de **Quando o frango ficar macio, retire e reserve-o aquecido**, em que uma oração hipotática de realce (isto é, adverbial) promove, como já apontado para (1), uma mudança de orientação no fluxo de informação. Da mesma forma, o período **Com uma colher, desengordure o molho....branco** apresenta esse recurso, sendo iniciado por um sintagma adverbial (**com uma colher**) que, de alguma maneira, serve de ‘guia’ (*guidepost*, nos termos de Chafe, 1988) para o que vem a seguir, servindo, assim, ao caráter injuntivo, instrucional do gênero receita culinária.

A receita (como quase todo texto desse gênero) tem uma parte de **ingredientes**, constituída por uma **lista**, que funciona como um catálogo (gênero catálogo, ou lista). Trata-se não de uma lista qualquer, mas de uma que funciona como a base para a elaboração do prato. Em termos de relações retóricas, pode-se dizer que a lista mantém, com o **modo de fazer** da receita, uma relação de **habilitação**, nos termos de Mann & Thompson (1983) e Matthiessen & Thompson (1988). Por ser do domínio instrucional, o gênero receita culinária permite, assim, o uso de uma listagem com função de habilitar o leitor a executar o que está proposto na receita.⁴

É de se ressaltar, ainda, a importância que a repetição tem no texto dado em (1), onde se encontra a repetição exata de uma sequência de ações, materializadas por “Tampe. Esfrie. Coe. Reserve”, logo após a oração absoluta Junte a menta restante. Mais adiante, outras repetições se fazem presentes, como Reserve (por duas vezes) e Mexa (também por duas vezes) nesse último caso separadas unicamente pela oração absoluta Junte gema e clara. Por força da função instrucional a que se presta o gênero receita culinária, o valor injuntivo das repetições assegura que o leitor execute de maneira adequada as ações que estão sendo propostas.

3. A SEQUENCIAÇÃO TÓPICA E O MECANISMO FIGURA/FUNDO NOS GÊNEROS “RESUMO” E “HORÓSCOPO”

Muito se tem discutido sobre a consideração de um único gênero **resumo**, ou de vários gêneros que materializam vários resumos com propósitos diferenciados. Assim, tem-se, por exemplo, o gênero **resumo escolar** (feito para o professor), o **resumo sinóptico** (elaborado, muitas vezes, para fins de nortear o estudo de determinado assunto), dentre muitos outros.

Aqui vou me ocupar do gênero **resumo de novela** e do **resumo introdutor de artigo científico/acadêmico** (como os de publicações em revistas científicas). Serão tratados, nesse momento, aspectos relacionados à sequenciação tópica.

3. Em Decat (2010) é discutida a articulação de orações nesse e em outros gêneros, com base na Teoria da Estrutura Retórica (RST), teoria funcionalista desenvolvida por linguistas da costa oeste norteamericana.

Para a discussão do gênero **resumo de novela** são apresentados, abaixo, resumos de capítulos de duas novelas da rede televisiva brasileira, retirados de jornal.

(3) NOVELA: FINA ESTAMPA

Beatriz nega ter sido influenciada por Danielle a fazer a doação de óvulos. Paulo canta para fazer Vitória dormir. Danielle se assusta ao ver seu consultório depredado. Tereza Cristina cobra de Ferdinand notícias sobre o atentado contra Quinzinho. Todos que assistiram à coletiva de Danielle e Beatriz comentam o caso. Ester resolve buscar Vitória na casa de campo e avisa Guaracy que voltará para se defender das acusações contra ela.

(4) NOVELA: AMÉRICA

Nick diz a Sol que fará qualquer coisa para que ela o perdoe, mas Sol se mantém fria com ele. Lurdinha visita Glauco no hospital, que fica perturbado e pede que Haydée não saia de perto dele. Tony compra passagens para ele e Haydée viajarem a Miami. Mariano é operado e passa bem.

[...]

Simone e Kerry ficam indignadas ao descobrirem que Laerte e Geninho enganaram Mazé. Sol escolhe um vestido de noiva. Tião parte para o rodeio, mas sente uma angústia inexplicável. Mazé e Zé Higino recebem um aviso de que precisam deixar as terras porque elas foram vendidas.

É bom lembrar que o resumo de capítulos de novela televisiva pertence ao domínio discursivo **jornalístico**, tendo na função informativa seu objetivo principal, o que leva ao uso de sequências tipológicas tanto narrativas quanto descritivas, com predominância do tipo textual **narrativo**.

O exame de sua estrutura organizacional mostra os **tópicos** (discursivos) organizados iconicamente, mas sem uma sequência ‘visível’ dos eventos, assemelhando-se a *flashes*.

Quanto à estruturação oracional dos resumos acima, cada período é, de modo geral, a descrição da temática que se desenvolve em toda uma cena, ou episódio, do capítulo da novela que está sendo resumido. A iconicidade está, então, entre o enunciado e a cena a que ele corresponde, que ele descreve (ou narra). Situa-se numa dimensão pragmática, revelando a organização temporal dos episódios/cenas.

Nesse gênero, não é esperada a ocorrência de orações com valor argumentativo, avaliativo, explicativo, pois a função é simplesmente a de informar. Mesmo assim, no exemplo (4), da novela “América”, ocorreram algumas orações adverbiais, dentre elas a de causa que ocorre no período “Mazé e Zé Higino recebem um aviso de que precisam deixar as terras **porque elas foram vendidas**” (grifo meu). No entanto, a relação de causa explicitada nessa oração está a serviço da descrição do episódio, não tendo, portanto, qualquer valor avaliativo, opinativo, ou similar.

Observe-se, agora, o exemplo (5):

(5) Este trabalho consiste em uma análise da ordenação que caracteriza os advérbios qualitativos em **–mente**, em cartas escritas no Brasil nos séculos XVIII e XIX. O objetivo é demonstrar o gradual desaparecimento, que se dá do século XVIII para o século XIX, da tendência que esses advérbios possuem de se colocar antes do verbo, já detectada em fases anteriores da evolução do português. **Palavras-chave:** advérbio, ordenação, gramaticalização, mudança linguística. (MARTELOTTA, 2006, p.11)

O texto dado em (5) é uma materialização do gênero **resumo científico**, característica que o diferencia de (4). Pertence não ao domínio jornalístico, mas ao **domínio científico**, com a função de divulgar, predominando, portanto, aí, o tipo textual **expositivo**. Nele não há sequenciação de eventos, de episódios, como nos resumos de capítulos de novela, mas informações sobre a temática a ser discutida e divulgada. E as **palavras-chave** servem exatamente à descrição, de forma resumida, esquemática, dos tópicos do artigo, de sua temática.

Diante do que apresentaram esses resumos, e face à grande diversidade de resumos com funções e propósitos diferenciados, poder-se-ia indagar se essas ocorrências não constituiriam subgêneros de um gênero comum RESUMO; ou, ainda, se seriam elementos de uma **constelação**, uma vez que poderiam estar materializando, de formas diferentes, um mesmo gênero. Essa é uma discussão que não será aqui empreendida, por força de limitação de espaço. No entanto, deixo claro que, neste trabalho, eles são tratados como dois gêneros diferentes, e não de subgêneros, tendo em vista a função sociocomunicativa de cada um, a qual vai ser determinante da configuração formal do gênero.

Esta seção inclui também reflexões sobre o gênero **horóscopo** que, a exemplo do gênero **receita culinária**, pertence ao **domínio instrucional** e caracteriza-se como do tipo textual **injuntivo**, prestando-se mais a aconselhamentos, fornecendo ao leitor uma espécie de ‘receita de vida’.

Abaixo estão transcritos textos de dois signos, escolhidos aleatoriamente dentre os doze signos que compõem o horóscopo:

(6) LEÃO

Bagunça e imprecisão na comunicação geral. E você terá de se desdobrar para manter a ordem no seu entorno. Mas é uma boa época para iniciar uma atividade criativa e inspiradora. Algo que apele ao sentimento universal. Curta o Carnaval. (FOLHA DE SÃO PAULO, 20/02/2012 – Caderno ILUSTRADA)

(7) PEIXES

Preocupação com pessoas próximas. O dia poderá ser um tanto estafante, cansativo. Repare se você não está escolhendo os caminhos mais difíceis e penosos para se sentir merecedor do que tem ou do que deseja. **Susceptibilidade muito alta à opinião das outras pessoas.** (ESTADO DE MINAS, 12/06/2004 – Caderno CULTURA)

Nos exemplos (6) e (7) ocorrem sequências nominais (conforme destacado) no início ou no fim, na forma de SNs ‘soltos’, funcionando como **tópicos** que descrevem situações do momento e previsões para o futuro. Essa função topicalizadora é uma das que Ono & Thompson (1994) atribuem aos SNs ‘soltos’ (*unattached NPs*). As estruturas oracionais que se seguem aos SNs de ‘abertura’ constituem claramente um aconselhamento. Por outro lado, pode-se dizer que há uma dinâmica na organização do horóscopo (ou, mais exatamente, do texto de cada signo), manifestando o mecanismo **figura/fundo**: os SNs iniciais são o ‘fundo’; as orações de aconselhamento são a ‘figura’, em que se estabelecem os contrastes, as advertências, etc. Em (6) ocorre, também servindo ao aconselhamento e à ênfase, uma estrutura (sublinhada no texto) oracional “desgarrada”⁵. Embora a **receita culinária** e o

5. Para maiores detalhes, consulte-se Decat (2011).

horóscopo sejam gêneros diferentes (porque as funções são diferentes) pertencem ao mesmo domínio discursivo, o instrucional, que vai permitir a ocorrência de sequências injuntivas, materializadas, algumas vezes, através de formas imperativas mais atenuadas, funcionando como aconselhamento, ou ‘guia’, conforme pode ser visto no exemplo (6); e, outras vezes com formas imperativas mais fortes, como acontece nas receitas culinárias (nessas, como ‘guia’).

Observe-se, agora, o exemplo abaixo:

(8) CAPRICÓRNIO

Se sua determinação estiver elevada, é possível que sinta uma incontrolável necessidade de realizar algo diferente o mais rápido possível. É tempo de medir o excesso de entusiasmo para evitar acidentes de percurso. (ESTADO DE MINAS, 21/02/2012 – Caderno CULTURA)

Em (8) não se encontram SNs ‘soltos’, muito comuns no gênero em questão. A sua organização apresenta-se com estruturas oracionais, tanto na parte que funciona como ‘fundo’ (o primeiro período), quanto na que geralmente costuma manifestar o aconselhamento, que representa a ‘figura’ (o segundo período). Entre as orações que compõem a primeira parte manifesta-se a relação retórica de condição. Já na segunda parte, observa-se uma oração de finalidade, servindo, ela mesma, como um aconselhamento para o que é expresso na primeira oração (É tempo.....entusiasmo). Horóscopos como (8), estruturados somente com sintagmas oracionais, não parecem ter a mesma força argumentativa que os que apresentam SNs ‘soltos’, como se pode verificar pela comparação com (6) e (7). Compare-se, também, o exemplo (8) com (9), abaixo transcrito, descrevendo o mesmo signo dado em (8):

(9) CAPRICÓRNIO

Sentimentos intensos e profundos. Otimismo e autoconfiança, de um modo geral. Entretanto, as tentativas que fizer hoje para chegar onde deseja só terão sucesso se você tiver muita paciência e persistência. Vale a pena fazer um esforço para se concentrar. Concentração é poder. (ESTADO DE MINAS, 12/06/2004 – Caderno CULTURA)

Em (9), mas não em (7), ocorre uma espécie de **coda** — que se faz presente igualmente em outros gêneros textuais. No caso de (9), a ‘coda’ se materializa em uma estrutura oracional (não desgarrada); e em (7) tem-se uma ‘coda’ descritiva, expressa por um SN ‘solto’ — **Susceptibilidade muito alta à opinião das outras pessoas**. Em ambos os casos, a ‘coda’ é uma espécie de ‘moral da estória’.

Mesmo diante de diferenças sutis entre os exemplos discutidos acima, neles está sempre presente o mecanismo figura/fundo, servindo aos objetivos comunicativos próprios desse gênero, que é o aconselhamento, ou mesmo o convencimento. Isso permite evidenciar que, na caracterização de um gênero textual, não basta atentar para a forma, mas é preciso levar-se em consideração o propósito, a função sociocomunicativa a que ele se presta.

4. NOVAMENTE A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES: A ESTRATÉGIA DO ‘CONVENCIMENTO’ NAS “NOTAS DE

Jornal” e no “Anúncio Publicitário”

Conforme já mostrado até aqui, os gêneros realizam propósitos sociais, ainda que, como postula Swales (1990), tais propósitos sejam de difícil identificação.

As **Notas de Jornal** constituem um gênero cujo propósito costuma ser bastante definido: o de informar, de notificar. A designação desse gênero advém do suporte em que ele se materializa, ou seja, o jornal.

A função informativa vai, muitas vezes, levar ao uso da **ênfase**, estratégia textual que resulta, frequentemente, do envolvimento do produtor do texto com o assunto veiculado na notícia.

O exemplo a seguir ilustra o uso dessa estratégia.

(10) A Alemanha ainda pressionava quando, aos 21 minutos, Ronaldo lutou contra Hamann na intermediária. Roubou a bola. Ela ficou com o Rivaldo. Que chutou com força e efeito, à meia altura. Kahn errou. Defendeu parcialmente, mas a bola voltou para o meio da área e lá estava Ronaldo, o grande Ronaldo. Que empurrou para o gol; 1 a 0. (David Coimbra – “Brasil Cinco” – ZERO HORA, Ano 39 – N 13.465 – 1/07/2002, 2ª Edição – Porto Alegre – p. 2 do encarte Jornal da Copa)

Além de informar, a necessidade de enfatizar leva o produtor de (10) a fazer uso de uma estrutura que tem sido muito recorrente em português, já mencionada aqui. Trata-se de orações ‘desgarradas’ que, conforme já exposto em Decat (1999b, 2001a, 2005 e 2011), são orações subordinadas (adverbiais ou adjetivas explicativas) que ocorrem ‘soltas’, como se fossem enunciados independentes. Esse tipo de ‘desgarramento’ ocorre em (10), materializado pelas orações relativas apositivas (tradicionalmente, oração adjetiva explicativa) **Que chutou com força e efeito, a meia altura** e **Que empurrou para o gol; 1 a 0**. O foco dado a essas partes da informação revela o envolvimento do autor da notícia com o assunto veiculado. A ocorrência desse tipo de oração — chamada, por Ono & Thompson (1994), de *unattached*, ou seja, não anexada — assemelha-se a um **adendo**, ou *afterthought*, que constitui um mecanismo de acréscimo, de explicação por realce, ênfase. Desse modo, as orações relativas apositivas em discussão não têm somente a função de informar, mas a de interagir, na medida em que a ênfase favorece a interação. Tem-se aí, portanto, um relevo, uma proeminência dada a uma determinada estrutura, que acaba por servir também à argumentação que perpassa a notícia. Trata-se, então, de um recurso sintático (‘desgarramento’ da oração relativa apositiva) resultante de uma função textual e pragmática.

Outro gênero em que está presente a estratégia de ênfase, visando ao convencimento, é o **Anúncio Publicitário**. Em decorrência da necessidade argumentativa em relação ao produto que está sendo oferecido, é comum o destaque de certas estruturas, pelo menos nos anúncios que foram pesquisados para a elaboração deste trabalho. Como exemplo disso, seguem-se os anúncios abaixo:

6. Esse exemplo encontra-se aqui somente para mostrar o uso da estratégia também no português europeu. Para maiores detalhes, consulte-se Decat (2001).

(11) Qual o peso que o telemóvel tem na sua vida? São exatamente 88 gramas.

O que faz com que o Mimo Ultra Leve seja o mais leve telemóvel dos que já vêm com cartão recarregável. (Revista VISÃO – n. 342, 30/09/90, p. 133 – Português europeu)⁶

(12) Chegou Fiat Línea.

Conectado com você. (Propaganda da Fiat. Revista ISTOÉ, Ano 31, nº 2030, 1º/01/2008)

(13) Que bom que você confia.

Porque seu cão adora! (Propaganda da Pedigree)

(14) Uma competição para escolher o melhor petisco. **Até porque a cerveja você já escolheu.** (ESTADO DE MINAS, encarte “Divirta-se”, 20/04/2007, p. 16-17)⁷

Nos quatro exemplos acima, tem-se a ocorrência ‘desgarrada’ da relativa apositiva — no caso da estrutura grifada em (11) —; orações subordinadas adverbiais — tanto em (13) quanto em (14); e uma ocorrência, no exemplo (12), de oração ‘desgarrada’ com o verbo no particípio, equivalendo ao que a gramática normativa chama de “oração reduzida de particípio”. Esse uso de outros tipos de orações, que não somente a relativa apositiva, como estruturas ‘desgarradas’ tem sido recorrente, desde que tais orações estejam servindo, no texto, a alguma função discursivo-pragmática. Nos anúncios publicitários dados acima observa-se que a estratégia de destaque reforça a argumentação com vistas ao convencimento do leitor sobre as vantagens do produto oferecido.

Não somente orações ocorrendo ‘desgarradas’ vão servir à argumentação, ao convencimento nos anúncios publicitários. Mais comum até que tais orações é a ocorrência de sintagmas nominais ‘soltos’ (*floating noun phrases* – THOMPSON, 1989). Tais sintagmas ocorrem isoladamente, sem vincular-se a nenhum predicado, como ilustra o exemplo abaixo:

(15) Imagine viver sem fronteiras. Poder estar sempre perto de quem você gosta. **Mesmo daqueles amigos mais distantes.** Imagine poder ir a qualquer lugar. E até estar em dois lugares ao mesmo tempo. Não ter limites. Não ver distâncias. Esse jeito de viver existe. Basta usar o seu celular. [...]

GSM é TIM. **Muito além da voz.** (Revista VEJA, nº 18, 05/05/2004 – Propaganda da TIM)

Em (15) o sintagma nominal **Mesmo daqueles amigos mais distantes** ocorre de maneira ‘solta’, sem nenhum vínculo formal com nenhum predicado, e com valor concessivo, valor esse reforçado pelo próprio destaque, ou relevo, dado ao SN. Um outro SN ‘solto’ ocorre também em (15); é o sintagma **Muito além da voz**, com alto valor argumentativo e funcionando, no final do anúncio, como uma **coda**.

7. Propaganda da cerveja Bohemia, a propósito do evento “Comida di Buteco”, que há algum tempo vem sendo realizadas em Belo Horizonte, Minas Gerais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio ter propiciado, com as discussões aqui empreendidas, uma contribuição para um maior entendimento sobre a estrutura organizacional e, conseqüentemente, informacional dos gêneros em geral e, de modo especial, dos gêneros aqui tratados.

Reforço que o meu objetivo principal foi o de mostrar a importância da relação **forma/função** na caracterização dos gêneros. Embora aqui tenham sido apontados e discutidos vários elementos formais, gramaticais (mas não somente esses), defendo a ideia de que não são os elementos formais, tomados por si mesmos, que irão se constituir como determinantes na caracterização do gênero; ao contrário, postulo que a ocorrência dos elementos formais está ‘atrelada’ às funções discursivo-pragmáticas exigidas pelo próprio gênero. As questões formais foram aqui discutidas por acreditar — retomando Marcuschi (2002) — no poder de organização que têm as formas linguísticas. Mas, é justamente por entender que o gênero não se estabelece sem levar em conta o sistema da língua que eu não poderia deixar de lado as considerações de ordem formal. Dessa forma, comungando da ideia de Givón (1984) de que as propriedades sintáticas nascem do discurso, não vejo como empreender uma análise separando a forma de sua função. O tratamento dado aos aspectos aqui discutidos fundamentou-se na convicção de que é na relação **forma/função** que será possível chegar-se a alguma caracterização dos gêneros como práticas sociais. Dessa forma, entendo que a análise de qualquer gênero deve levar em consideração que se trata de uma materialização de formas (colocadas à disposição do usuário pelo sistema da língua) que estão a serviço dos objetivos comunicativos do gênero, refletindo suas funções no processo de interação. É nessa linha de raciocínio que se pode entender melhor o princípio, apontado por Du Bois (1993, p.11) de que “**a gramática é feita à imagem do discurso**” (entendido como “uso”), mas esse discurso, ou esse **uso**, “**nunca é observado sem a roupagem da gramática**”.

A FUNCTIONALIST APPROACH TO THE STUDY OF LINGUISTIC PROCESSES IN THE TEXT GENRES OF PORTUGUESE IN USE

ABSTRACT

This paper argues that differences between genres are characterized not only by the formal aspects of text, but also by the functional motivations inherently present in these linguistic choices. Using a functionalist approach, I propose a strong correlation between grammatical facts, and pragmatic aspects of the situation in which the genres occur. Consequently, this approach naturally assumes the importance of the socio-communicative function of the linguistic choices made by language users, leading to the claim that genre comprehension and characterization cannot be achieved without the joint study of syntactic and textual properties.

KEY WORDS: genre; functionalism; syntactic and textual properties; form/function; foreground/background.

REFERÊNCIAS

- Adam, J-M. (1990). *Eléments de linguistique textuelle : théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Liège : Mardaga.
- Bakhtin, M. (1997). *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Biber, Douglas. (1988). *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press
- Bronckart, Jean-Paul. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.
- Chafe, W.L. (1988). Linking intonation in spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 1-27
- Decat, M.B.N. (1993). “*Leite com manga, morre!*”: da hipotaxe adverbial no português em uso. São Paulo: PUC/LAEL. (Tese, Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas).
- _____. (1999a). Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. *Revista SériEncontros* (Descrição do português: abordagens funcionalistas), Araraquara, SP: UNESP, ano XVI, n. 1, p. 299-318.
- _____. (1999b). Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta* (Linguística e Filologia), v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, p. 23-38.
- _____. (1999c). Funcionalismo e gramática. *Para sempre em mim: homenagem à Prof^a Ângela Vaz Leão*, v.1, Belo Horizonte: PUC Minas, p.213-220.
- _____. (2001a). Orações adjetivas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao ‘desgarramento’. *Scripta* (Linguística e Filologia), v.5, n.9, Belo Horizonte: PUC Minas, p. 104-118.
- _____. (2001b). A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: Decat *et al.* *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 103-166.
- _____. (2005). Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégia de focalização e argumentação. *Veredas- Revista de Estudos Linguísticos*, v.8, n.1 e 2, Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, p. 79-101. (Conexão de orações).
- _____. (2006). Uma perspectiva funcionalista para a descrição do português. In: Guedes, M.; Berlinck, R.A.; Murakawa, C.A.A. (orgs.) *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 81-98.
- _____. (2010). Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: Marinho, J.H.C.; Saraiva, M.E.F. (Eds.) *Estudos da língua em uso: da gramática ao texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 231-262.
- _____. (2011). *Estruturas desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes Editores.

- Du Bois, J.W. (1993). Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticalization, and the locus. *Rice Symposium*, MS, Santa Barbara, University of California.
- Givón, Talmy. (1984). *Syntax I*. New York: Academic Press.
- Halliday, M.A.K. (1985). *An introduction to functional grammar*. London: E. Arnold.
- Hopper, P. (1988). Emergent grammar and the a priori grammar postulate. In: Tannen, D. (Ed.) *Language in context: connecting observation and understanding*. Norwood: Ablex, p. 117-134.
- Mann, William C. & Thompson, Sandra A. (1983). *Relational propositions in discourse*. California: University of Southern California, 28p. (ISI/RR-83-115).
- Marcuschi, Luiz Antônio. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.P.; Machado, A.R.; Bezerra, M.A. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36.
- _____. (2000). *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?* Recife: Universidade Federal de Pernambuco. (Mimeogr.)
- _____. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Martelotta, M.E. (1996). Ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. *Gragoatá* – Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, n. 1 (jul./dez.1996). Niterói: EdUFF – v.17.
- Matthiessen, Christian & Thompson, Sandra A. (1988). The structure of discourse and ‘subordination’. In: Haiman & Thompson (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 275-329.
- Ono, Tsuyoshi; Thompson, Sandra A. (1994). Unattached NPs in English Conversation. *Proceedings of the Twentieth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: University of California Press, p. 402-419.
- Swales, J.M. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Thompson, Sandra A. (1989). A discourse approach to the cross-linguistic category “adjective”. In: Corrigan; Eckman; Noonan (eds.). *Linguistic categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.